

K-DRAMAS COMO DISPOSITIVOS PEDAGÓGICOS: IMPLICAÇÕES NA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA

Ana Paula Maciel Mendes¹; Amanda Tolomelli Brescia²;

¹ Mestranda em Educação pelo Programa de Pós Graduação em Educação e Formação Humana da UEMG, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil; E-mail: anapaulammendes@yahoo.com.br; ²Orientadora pelo Programa de Pós Graduação em Educação e Formação Humana da UEMG, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. E-mail da orientadora: amanda.brescia@uemg.br;

Introdução

No século XXI, a consolidação dos direitos das mulheres permanece como um desafio central, especialmente no que se refere à construção de identidades e às formas de representação do feminino. Nesse contexto, as produções midiáticas assumem papel relevante na constituição de subjetividades, atuando como dispositivos culturais que orientam modos de ser, sentir e agir. A partir da perspectiva das tecnologias de gênero, conforme Zanello (2018), compreende-se que tais dispositivos operam na normatização de performances, influenciando diretamente os processos de subjetivação. Esse processo refere-se à forma como os sujeitos constroem a si mesmos nas relações sociais e culturais, internalizando normas, valores e discursos que orientam suas percepções, afetos e modos de existência, sendo atravessado por relações de poder e possibilidades de resistência.

Nessa direção, aprofunda-se a compreensão de que, segundo Zanello (2018, p. 50), "as tecnologias de gênero" são dispositivos que produzem e normatizam subjetividades femininas e masculinas dentro de um contexto sociocultural específico, operando por meio de discursos, práticas e instituições. No caso das subjetividades femininas, essas tecnologias de gênero operam de maneira sutil, mas eficaz, na formação da subjetividade, sendo disseminadas por meio de discursos midiáticos, institucionais e cotidianos, reafirmando padrões de feminilidade e perpetuando desigualdades. Como afirma a mesma autora (2018), as tecnologias de gênero são, portanto, um importante fator constituinte dos dispositivos que configuram caminhos privilegiados de subjetivação. Elas direcionam performances de gênero que definem tornar-se pessoa homem ou mulher, em nossa cultura, por meio de múltiplas esferas que vão desde as produções simbólicas midiáticas a regras de comportamento da vida cotidiana. Quanto à subjetivação, esta estaria ligada a formação da identidade, da composição dos aspectos que configuram o ser pessoa homem e o ser pessoa mulher. Considera-se que os traços, posturas, linguagens, práticas, hábitos, normativas, que são desenhados por meio dos dispositivos das tecnologias de gênero se apresentam de uma forma clara nos contextos dos dramas, séries, cinema e representações artísticas.

É justamente nesse cenário que se insere a expansão da cultura sul coreana conhecida como Hallyu, que nas últimas décadas tem proporcionado diferentes produtos midiáticos, entre eles os K-dramas. Essas produções têm alcançado grande popularidade entre o público brasileiro, sobretudo entre meninas e mulheres, influenciando práticas culturais, modos de consumo e percepções identitárias. Inseridos no campo do audiovisual, os K-dramas podem ser compreendidos como produtos culturais que produzem sentidos e participam de processos de hibridização cultural, conforme discutido por Canclini (2015) e Santaella (2010). Além disso,

ao serem considerados sob a perspectiva da educação, configuram-se como dispositivos pedagógicos informais que atuam na formação de sensibilidades, valores e modos de interpretação do mundo, como apontam Duarte (2002), Fresquet (2013) e Lopes (2007).

Dessa forma, evidencia-se que tais produções não apenas refletem a cultura, mas também participam ativamente da construção de subjetividades. Embora apresentem personagens femininas por vezes autônomas e resilientes, essas produções também reproduzem padrões tradicionais de gênero, como a valorização do amor romântico, da dependência emocional e de ideais estéticos normativos. Tal dinâmica evidencia a complexidade dos processos de subjetivação contemporâneos, nos quais coexistem elementos de reprodução e de transformação. Diante desse cenário, este estudo tem como objetivo analisar como os K-dramas impactam a construção da identidade de meninas e mulheres brasileiras, identificando práticas, posturas e possíveis processos de ressignificação realizados pelas espectadoras.

Diante desse cenário, este estudo tem como objetivo geral analisar como os K-dramas impactam a construção da identidade de meninas e mulheres brasileiras. De modo articulado, busca-se como objetivos específicos compreender de que maneira essas produções atuam como dispositivos pedagógicos na formação de subjetividades, identificar os modelos de feminilidade difundidos nos K-dramas e analisar os processos de interpretação, negociação e ressignificação realizados pelas espectadoras em relação aos conteúdos midiáticos.

Metodologia

Em consonância com essa problemática, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório e interpretativo, fundamentada em uma perspectiva interdisciplinar que articula educação, estudos culturais, mídia e gênero. Parte-se do pressuposto de que os K-dramas, enquanto produtos do campo audiovisual, funcionam como dispositivos pedagógicos informais que produzem sentidos e influenciam processos educativos e identitários.

Para compreender tais dinâmicas, o estudo será desenvolvido com meninas e mulheres brasileiras que consomem K-dramas, utilizando-se como instrumentos de coleta de dados entrevistas semiestruturadas e grupos focais. Esses procedimentos possibilitam acessar narrativas, experiências e percepções das participantes, favorecendo a compreensão dos modos pelos quais elas se relacionam com os conteúdos midiáticos e os incorporam em suas trajetórias subjetivas.

Nesse sentido, a análise dos dados será orientada pela perspectiva da recepção ativa, compreendendo as espectadoras como sujeitas que interpretam, negociam e ressignificam os conteúdos midiáticos, e não como receptoras passivas. Tal abordagem permite evidenciar a complexidade dos processos de mediação cultural e a multiplicidade de sentidos atribuídos às produções audiovisuais.

Articulando-se a essa proposta metodológica, o referencial teórico articula contribuições de Zanello (2018), no que se refere às tecnologias de gênero e aos processos de subjetivação; Freire (1987), na perspectiva da educação crítica e da conscientização; Santaella (2010) e Canclini (2015), nas discussões sobre cultura midiática e hibridização; e autores do campo do cinema e educação, como Duarte (2002), Fresquet (2013) e Lopes (2007), que compreendem o audiovisual como linguagem formativa. A pesquisa seguirá os preceitos éticos, garantindo anonimato, confidencialidade e consentimento livre e esclarecido das participantes.

Resultados e Discussão

Considerando que a pesquisa se encontra em andamento, os resultados apresentados configuram-se como hipóteses analíticas iniciais, construídas a partir do diálogo entre o referencial teórico e as primeiras aproximações com o campo empírico. Parte-se da premissa de que os K-dramas exercem influência significativa na construção da identidade de meninas e mulheres brasileiras, atuando como mediadores culturais que difundem modelos de feminilidade.

A análise inicial indica que essas produções apresentam uma dimensão ambivalente: ao mesmo tempo em que introduzem personagens femininas independentes, profissionais e resilientes, também reforçam padrões tradicionais de gênero, como a centralidade do amor romântico, a idealização de relações heteronormativas e a valorização de comportamentos associados à docilidade e à abnegação. Essa ambivalência, conforme discutido por Zanello (2018), pode gerar processos contraditórios de subjetivação, nos quais as espectadoras tanto reproduzem quanto questionam os modelos apresentados.

Além disso, outro aspecto relevante refere-se à padronização estética presente nos K-dramas, marcada pela valorização da juventude, da magreza e de determinados padrões de beleza. Tais representações podem impactar a construção da autoimagem das espectadoras, operando como tecnologias de gênero que regulam corpos e comportamentos. Nesse sentido, o audiovisual atua como um dispositivo que não apenas representa o feminino, mas também participa ativamente da sua produção simbólica.

Entretanto, em articulação com a perspectiva da recepção ativa e da educação crítica, compreende-se que as espectadoras não são passivas diante desses conteúdos. Elas reinterpretem narrativas, negociam significados e produzem leituras próprias, evidenciando processos de conscientização e ressignificação. Assim, os K-dramas também podem operar como espaços de tensão e possibilidade, nos quais se articulam reprodução e resistência, permitindo a emergência de novos modos de compreender e vivenciar o feminino.

Conclusões

Embora a pesquisa ainda esteja em andamento, pode-se já considerar, à título de considerações iniciais, que a onda coreana, ou Hallyu, consolidou os K-dramas como um fenômeno transcultural de grande impacto no Brasil, especialmente entre o público feminino. Longe de ser um mero entretenimento descartável, essas produções atuam como agentes significativos na formação da identidade de suas espectadoras.

Pesquisas indicam que o consumo dessas narrativas não se limita à passividade, sendo que as fãs brasileiras estabelecem um diálogo ativo com o conteúdo, promovendo discussões sobre representação e papéis de gênero. Ao se identificarem com personagens e situações que equilibram tradição e modernidade, essas jovens encontram nos dramas sul-coreanos um espelho cultural que reflete e valida suas próprias experiências, conflitos e aspirações, contribuindo para a reconfiguração de suas subjetividades, assim, pondera-se que em maior ou menor medida os K-dramas influenciam a construção da identidade de meninas e mulheres brasileiras.

O conceito de audiovisual como um "dispositivo pedagógico" é central para entender esse fenômeno, o fenômeno da formação de subjetividades. Assim como outros produtos midiáticos, os K-dramas educam o olhar e produzem modos de ser, pensar e agir. A pesquisa na área da Sociologia e da Educação tem se dedicado a analisar como as imagens, especialmente as seriadas, contribuem para a formação de uma "educação do olhar" sobre as pessoas e suas relações sociais. Ao consumir consistentemente determinadas narrativas, as espectadoras internalizam códigos de conduta, estéticas e formas de se relacionar. Este aprendizado, que ocorre de forma lúdica e emocional, demonstra o poder do entretenimento como uma ferramenta informal, mas poderosa, de socialização e construção de valores. As espectadoras exercem assim um papel ativo na interpretação e ressignificação dos conteúdos midiáticos.

Por fim, pode-se considerar ainda que a mídia constitui espaço relevante na formação de subjetividades e demanda análise crítica de seus efeitos culturais e educativos. Os K-dramas não são meros reflexos da sociedade, mas sim espaços ativos de produção de subjetividade e de relações de poder. A compreensão dos seus efeitos educativos e culturais é, portanto, uma necessidade urgente. Propostas metodológicas que incentivam a análise crítica de seriados, como a identificação de estereótipos, falas e tempo de tela de personagens femininos, são ferramentas essenciais para que as espectadoras (e espectadores) desenvolvam a literacia midiática. Ao invés de demonizar ou endeusar o conteúdo, a tarefa da educação e da pesquisa é fornecer as chaves para uma análise que desnaturalize os discursos de gênero, permitindo que a audiência usufrua do entretenimento de forma consciente e politicamente engajada.

Diante dessas considerações, o estudo reafirma como objetivo geral analisar de que modo os K-dramas impactam a construção da identidade de meninas e mulheres brasileiras, compreendendo-os como dispositivos pedagógicos que participam ativamente dos processos de subjetivação. De forma articulada, evidencia-se a importância de compreender como essas produções atuam na formação de sensibilidades e modos de ser, identificar os modelos de feminilidade nelas difundidos e analisar os processos de interpretação, negociação e ressignificação realizados pelas espectadoras. Nesse sentido, os resultados em construção apontam para a necessidade de aprofundar investigações que considerem o audiovisual não apenas como entretenimento, mas como campo formativo e espaço de produção de subjetividades, atravessado por disputas simbólicas e possibilidades de transformação.

Palavras-chave

Identidade de gênero; Representação feminina; K-dramas; Hallyu; Dispositivos midiáticos.

Referências Bibliográficas

CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4. ed. São Paulo: EdUSP, 2015.

DUARTE, Rosália. *Cinema & educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FRESQUET, Adriana. *Cinema e educação: reflexões e experiências com professores e estudantes*. Rio de Janeiro: Autêntica, 2013.

LOPES, José Miguel de Souza. *Educação e cinema: novos olhares na produção do saber*. São Paulo: Cortez, 2007.

SANTAELLA, Lúcia. *Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*. São Paulo: Paulus, 2010.



XVI FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

A PESQUISA NA GRADUAÇÃO: SABERES E PRÁTICAS NA FORMAÇÃO DOCENTE

27 a 30 de maio 2026 - Sertão Central - Quixadá - CE.

ZANELLO, Valeska. *Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação*. Curitiba: Appris, 2018.



REALIZAÇÃO:



UECE



AINPGP